

PARENTALIDADE DIVINA E PRÁXIS PASTORAL: O SER HUMANO DIANTE DE DEUS, O MINISTÉRIO PASTORAL COMO FEMININO E MASCULINO E A IGREJA DIANTE DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA¹

Helmut Renders²

Resumo: A descrição da “primeira” pessoa da Trindade como “*parent*” é uma antiga metáfora inglesa, abordada até hoje. O artigo discute a metáfora e desdobra seu potencial discutindo a relação entre o ser humano e o Deus *parent*, refletindo sobre clichês enquanto o ministério pastoral como feminino e masculino e enquanto a família na sua diversidade no século 21.

Palavras-chave: Deus *parent*. Parentalidade. Ministério pastoral. Filiação divina.

Divine parentality and pastoral practice: human beings before God, the pastoral ministry as female and male, and the Church considering contemporary family

Abstract: The description of the “first” person of the Trinity as “*parent*” is an old English metaphor used until today. The article discusses the metaphor and unfolds its potential discussing the relationship between the human being and God *parent*, reflecting on clichés concerning the pastoral ministry as female and male and concerning the family in its diversity in the 21st century.

Keywords: God *parent*. Parentality. Pastoral ministry. Divine sonship/ daughtership.

Este pequeno exercício teológico pretende familiarizar-se com uma antiga designação inglesa para a primeira pessoa da Trindade como Deus *parent*. Encontramos essa denominação, primeiro, em textos do sacerdote anglicano e *spiritus rector* do movimento metodista John Wesley (1703-1791); segundo, nas canções de seu irmão Charles Wesley (1707-1788) e nas poesias de John Milton (1608-1674); e, finalmente, em estudos teológicos contemporâneos.³

Até recentemente, essa reflexão teria um valor bem restrito, no máximo, talvez, com certa utilidade para as igrejas com uma origem estadunidense ou inglesa.

¹ O artigo foi recebido em 14 de setembro de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 29 de março de 2011.

² Doctor of Ministry pelo Wesley Seminary Washington, DC, EUA (1998) e em Ciências da Religião pela UMESP (2006). Desde 2009 integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como pós-doutorando. É professor associado da Universidade Metodista de São Paulo. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática e História, atuando principalmente nos seguintes temas: Teologia Sistemática, teologia wesleyana, teologia e cultura, teologia sustentável, iconologia, teoria da imagem e análise de discursos imagéticos. Contato: helmut.renders@metodista.br

³ MADDIX, Randy L. **Responsible grace**: John Wesley’s practical theology. Nashville: Kingswood, 1994. p. 63; RUNYON, Theodore. **New Creation**. John Wesley’s theology today. Nashville, TN: Abingdon, 1998. p. 188 e 256.

Mas, enquanto “*parent*” ainda não cruzou a barreira de linguagem, outro conceito próximo, “*parentality*”, foi bem integrado à língua portuguesa como “parentalidade”, inclusive em forma de adjetivo (parental). Esse conceito estabeleceu-se na descrição jurídica e psicológica da família contemporânea e representa o tratamento em conjunto de questões da paternidade e da maternidade. No inglês, esse segundo termo foi, do mesmo modo, abordado pela teologia.⁴ Sendo assim, chegamos à conclusão de que talvez fosse a hora de explorar, também no Brasil, a metáfora do Deus *parent* como mais uma via de construir caminhos na prática pastoral e sustentá-los por uma reflexão bíblico-dogmática.

Assim, gostaríamos de discutir três possíveis contribuições que pudessem partir da percepção de Deus como Deus *parent*:

- No nível pessoal, as implicações para a compreensão do ser humano diante de Deus;
- No nível ministerial, a fundamentação do ministério pastoral, especialmente sob consideração do aspecto feminino e masculino;
- No nível familiar, a intuição que a compreensão de Deus como Deus *parent* enriquece os modelos clássicos de paternidade e maternidade pela sua abertura na direção da parentalidade.

O Deus “*parent*” e a Trindade econômica: o Deus que cria, dá vida, cuida e consola

A tua mão **paterno-materna / criadora**,
a tua habilidade formadora,
fixaram firmemente as correntes universais.⁵
John Wesley, 1744⁶

Origem, uso e significado da metáfora

Iniciamos com uma observação linguística: a palavra inglesa *parent* une e funde as funções do feminino e do masculino, enquanto *parents* descreve o feminino e masculino lado a lado, mas não fundido. Da mesma forma, “*a*” *parent* pode representar tanto uma mãe como um pai, sem nenhuma distinção qualitativa.

Mas até nos textos que falam de um *parent* concretamente como “pai”, encontramos os aspectos feminino e masculino lado a lado – no mínimo enquanto

⁴ Conferir abaixo LIMBURG, James. **Hosea-Micah**. Westminster John Knox, 1988. p. 40-42.

⁵ Correntes universais ou douradas garantem e representam, na filosofia de Platão, a unidade do universo, desde os menores até os seres mais complexos.

⁶ WESLEY, John. **A Collection of moral and sacred poems from the most celebrated English authors**. Bristol: printed and sold by Felix Farley, 1744. v. 1, p. 207: “Thy parent hand, thy forming skill / Firm fix’d this universal chain”.

se aplica aqui uma compreensão segundo o padrão tradicional, com suas compreensões de atribuições específicas para cada sexo. Assim fez Charles Wesley, que, nos seus hinários, pôde relacionar com a atitude de um *parent* tanto uma firmeza “masculina”⁷ como uma generosidade “feminina”⁸. Em outro hino, lemos do “amor parental / amor para com os pequeninhos”⁹.

Da mesma forma, encontramos o uso em John Wesley, em 1744:

Estas são as Tuas obras gloriosas. **Criador/a** do bom. Todo poderoso! Tua é esta moldura universal. Este maravilhoso conto. Então, Tu mesmo, deves ser maravilhoso! Tu estás assentado acima dos céus, invisível para nós, Ou visto somente de forma vaga, Nas tuas obras menores [da criação]: Mas elas declaram a tua bondade e teu divino poder que transcende a imaginação¹⁰.

Nessa citação aparece a expressão “*Parent* do bem”. A tradução mais adequada seria “fonte, criador, mantenedor”. Assim também em 1739, num dos primeiros hinários editados pelos dois irmãos em conjunto: “Deus, *parent* e alvo do seu fogo”¹¹. Ou no “Relato simples sobre o cristianismo genuíno”, publicado entre 1755 e até *postmortem* (1795): “Ele tem uma percepção contínua da sua dependência do *parent* do bem”¹².

Em todos os casos, subentendemos que a expressão une elementos, aspectos e ações classicamente divididas entre masculino e feminino. Deus *parent* é o Deus que cria, que dá vida, que cuida, que faz crescer e que mantém. Ele é mais relacionado com o Deus que abençoa do que com o Deus que liberta, mais com o Deus que fornece e sustenta do que com o Deus que rompe e desafia.

A imagem do Deus *parent*, ou seja, a imagem de Deus construída a partir da consideração igualitária de feminino e masculino, o Deus que age como pai e, ao mesmo tempo, como mãe, é encontrada na Bíblia de duas formas: ou se trata

⁷ WESLEY, Charles. **Elegy on Robert Jones**. 1742. p. 15.

⁸ WESLEY, Charles. **Short Hymns on Select Passages of the Holy Scriptures**. Bristol: Farley, 1762. v. 1, p. 165.

⁹ WESLEY, Charles. **Elegy on Whitefield**. Bristol: Pine, 1771. p. 13: “parental love, / Love of the little ones”.

¹⁰ WESLEY, J., 1744, v. 1, p. 1: “These are thy glorious Works! Parent of Good! Almighty! Thine this universal frame. Thus wondrous fair. Thyself how wondrous then! Unspeakable! You sitt’st above those heav’ns, to us invisible, or dimly seen, in these thy lowest works: Yet these declare thy Goodness beyond thought, and power divine”.

¹¹ WESLEY, Charles; WESLEY, John. **Hymns and Sacred Poems**. London: Strahan, 1739. p. 13 [estrofe 4]): “With ardent love embraces God, Parent and object of its fires”. Singular é o uso em relação à lei como “origem” do ser humano fracassado em WESLEY, C.; WESLEY, J., 1742, p. 19: “Parent of the wretched man”.

¹² WESLEY, John. **A plain account of genuine Christianity**. Bristol, [1755]. p. 4 [§I.4]. Encontramos a indicação dessa fonte em MADDOX, 1994, p. 284, que também menciona WESLEY, John. **A plain account of genuine Christianity**, §I.3, p. 184, e WESLEY, John. **The doctrine of original sin**: according to scripture, reason, and experience. Bristol, 1757. p. III, §VI.

de textos que deixam a questão em aberto, ou de textos que, explicitamente, usam termos femininos e masculinos, tanto nas narrativas com nas metáforas.

Deus *parent* ou a parentalidade divina

Quanto à primeira categoria, seguimos o estudo de James Limburg¹³. Ele lê Oseias como uma parábola da relação Deus-Israel a partir da relação “pais-filhos” (Os 11.10) e distingue três fases dessa relação:

- *O risco da parentalidade*: os inícios;
- *As dores da parentalidade*: a rebelião;
- *A alegria da parentalidade*: o retorno.

Segundo ele, “enquanto Israel é claramente identificado com o filho (11.1), Deus pode ser ou compreendido como pai ou como mãe. Assim, referimo-nos com frequência à relação pais-criança, pais-filho”. O Deus *parent* exerce parentalidade divina; isso amplia a compreensão do Deus que cuida em três sentidos:

- Primeiro, o cuidado divino pode, e deve, ser pensado tanto em metáforas masculinas como femininas. Isso agrega possibilidades para desenvolver uma teologia do cuidado, rica e diversificada, e jamais presa à limitação dos modelos das diferenças do masculino e do feminino, seja qual for a sua forma cultural. Como vemos adiante, o próprio Jesus, segundo a memória da igreja, apropriou-se dessa possibilidade.
- Segundo, a dimensão do cuidado pode ser desenvolvida numa combinação do imaginário antropomórfico masculino e feminino. Isso será importante para as analogias entre teologia trinitária e teologia pastoral, também teologia trinitária e o ministério pastoral. Além disso, oferece possibilidades, tendo em vista a fragmentação da família na contemporaneidade e o problema da continuidade de imaginários do masculino e do feminino a partir da diferença.
- Terceiro, o cuidado divino pode ser descrito sem cair na cilada de provocar um desencontro com Deus em consequência de tantos desencontros entre pai e filho ou pai e filha e, eventualmente também, entre mãe e filho ou mãe e filha.

No Novo Testamento aparece a atitude dessa parentalidade aberta e acolhedora no texto sobre o filho pródigo. Ele, de fato, repete as linhas gerais de Oseias 11, com o foco na segunda e na terceira fases, e a inclusão de uma quarta.

- *As dores da parentalidade*: a rebelião ou a tentativa de viver a sua própria vida;

¹³ LIMBURG, 1983, p. 40-42.

- A **alegria da parentalidade**: o retorno como pessoa adulta;
- A **partilha da parentalidade**: o filho assume seu papel na *economia theou* [anel e sandálias].

Em Lucas 15 não aparece “mãe” literalmente, mas, na narrativa, a atitude do pai corresponde muito mais à junção das imagens de uma mãe e de um pai acolhedores do que de um pai greco-romano, que exerce a sua função como *pater familiaris*. A relativa ausência, nos textos do Novo Testamento, do equivalente grego *despotós* – que deu origem à palavra *déspota* – mostra um cuidado que passa despercebido para quem depende das traduções. Usa-se, nos textos bíblicos, em geral, em vez de *despotós*, a palavra *pater*, como, por exemplo, no Pai-Nosso. Entendemos que a preferência por *pater* em vez de *despotós* representa uma abertura para o conteúdo daquilo que foi designado como parentalidade divina. Mesmo assim, ainda fica mais uma ambiguidade, e pergunta-se: Por que não recrutar outras metáforas, como, por exemplo, o “Deus amigo”, para impedir qualquer mau entendimento?

Concordamos com Anne E. Carr e Mary Stewart van Leeuwen, que alegam que isso não atenderia à condição humana pós-moderna:

Enquanto a voluntariedade do modelo de Deus como amigo apelou muito a pessoas modernas e liberais em sua luta de se livrar de constrangimentos sociais e familiares, muitos pós-modernos vivem num mundo de isolamento e desconexão que não mais providencia muitos sinais que sustentam esperança ou comunhão. Pós-modernos talvez dependerão mais do caráter de dádiva incondicional da relação entre criador e criado, esta conexão perturbada com **o Deus bíblico parent que puniu e premiou, amaciou e prometeu** – mas **nunca abandonou** as suas crianças infiéis¹⁴.

As autoras, então, estão conscientes das possíveis tensões que o uso da figura do Deus *parent* pode causar na vida religiosa e na práxis pastoral. Mesmo assim, elas defendem que um teocentrismo – enquanto ponto de partida – articula a ideia da primazia da graça de tal modo que seja suficientemente benéfico para superar até imagens de um Deus que pune. Mais adiante retomaremos essa questão e perguntaremos se essa imagem do Deus punitivo não é vinculada a um imaginário que projeta o ser humano como uma eterna criança, em vez de um filho adulto.

Imagens femininas de Deus ao lado de imagens masculinas

As imagens femininas de Deus são conhecidas. Mencionamos brevemente um texto do Novo Testamento que se destaca por sua unicidade enquanto imaginário. Provavelmente, na base da fonte Q, Mateus (23.37) e Lucas (13.34) contêm

¹⁴ CARR, Anne E.; LEEWEN, Mary Stewart van. **Religion, feminism, and the family**: studies in Family Religion and Culture. Westminster John Knox, 1996. p. 307.

um *logion* que se refere a Deus como uma mãe: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, **como a galinha os seus pintos debaixo das asas**, e não quiseste?” (grifo do autor).

Apesar de alguns textos do AT descreverem Deus a partir do imaginário de uma mãe que amamenta as suas crianças (Is 66.11-12; veja também 49.15), o texto do NT não possui paralelo direto no AT. Sendo reconhecido como um *logion*, lembrado pela igreja como usado pelo próprio Jesus, entendemos que o imaginário de Jesus fosse melhor compreendido como um imaginário que combina *pater* e *mater*, enfim, um imaginário onde cabia o Deus *parent*.

É interessante, porém, que o próprio John Wesley se refere a esse *logion* no seu comentário de Gênesis 1.2:

Se movia sobre a face das águas – Ele se movia sobre a face do abismo de modo semelhante ao relatado em Mateus 23:37, onde se fala sobre a galinha que reúne seus filhotes sob suas asas e paira sobre eles para aquecê-los e acariciá-los, ou como na passagem de Deuteronômio 32:11: “Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes”, onde se utiliza o mesmo termo hebraico¹⁵.

Nesse texto, através da tradução de *rachaph* por “pairar”, associa-se uma característica até exclusivamente feminina com o ato da criação.¹⁶ Interessante também que Wesley explora essa imagem para desenvolver e afirmar já desde o ato da criação a ideia de um Deus que “aquece” e “acaricia”, ou seja, mais uma vez, que não se comporta como um *pater familiaris* ou *despotós*.

¹⁵ WESLEY, John. **Explanatory notes upon the Old Testament**. Salem: Schmull Publishers, 1975 [1. edição: 1765]. v. 1, p. 13.

¹⁶ Talvez tivéssemos aqui também um sinal de amadurecimento do respectivo pensamento de John Wesley. Nas suas Notas do Novo Testamento, publicadas pela primeira vez em 1754, a imagem feminina de Deus segundo Mateus 23.37 e Lucas 13.34 ainda não é mencionada nem explorada. Cf. WESLEY, J., 1952 [1. ed. 1754], p. 111 e 256.

O Deus “parent” e a condição pós-moderna: filiação como maturidade cristã crescente

Ele conhece Deus:
seu Pai, seu amigo, *parent* de tudo que é bom,
centro dos espíritos de toda a carne,
[razão] [d]a firme felicidade
de todos seres inteligentes.
John Wesley, 1740¹⁷

Enquanto descrevemos, na primeira parte, o potencial do conceito, gostaríamos de apontar, nesta segunda, a necessidade de retomar um assunto que vale especialmente para a metáfora do Deus pai, mas também para o Deus *parent*.

Dizemos que tanto a paternidade/maternidade como a parentalidade completam-se ao dar vida, ou seja, as duas metáforas levam-nos a falar da humanidade, do ser humano em relação à divindade. Na práxis, refere-se tanto à metáfora bíblica da criança como a do filho ou da filha.

Rosemary Radford Ruether alertou, com toda a razão, que, no uso da metáfora – e, destacamos, seja em sua forma mais ampla (*parent*) ou restrita (pai) –, pode subentender-se “[...] uma permanente relação pais-criança com Deus. Deus torna-se o pai neurótico que não quer que crescamos. Tornar-nos autônomos e responsáveis pelas nossas vidas acaba sendo o maior pecado contra Deus”¹⁸.

Para superar uma possível vinculação da metáfora do “*parent*” a uma contínua infantilização da relação Deus-ser humano, sugere William Barry¹⁹, mestre inaciano de espiritualidade, a não partir do imaginário da relação entre pais e crianças pequenas, mas entre pais e crianças crescidas. Assim, não se prescreve simbolicamente falando da infantilização da relação divino-humano, mas projeta-se um relacionamento emancipado e autônomo, livre e, assim também, responsável. Acrescemos: é a águia *parent* que ensina a voar (Dt 32.11) e não ficar no ninho, e o Deus *parent* que ensina a andar (Os 11.3-4) em vez de ficar no colo.

Isso não quer dizer que certos elementos da relação entre uma criança e seus pais não possam ser correspondentes com a relação entre a humanidade e Deus. Assim, preservado pela memória da igreja, Jesus relaciona criança de peito com “o perfeito louvor” (Mt 21.15-16), designa crianças como merecedores do Reino

¹⁷ WESLEY, John. **The works of John Wesley**: sermons I - 1-33. Edição de Albert C. Outler. Nashville: Abingdon, 1984. v. 1, p. 692. [sermão 33, §II.2]: “He knows God: his Father and his friend, the parent of all good, the centre of the spirits of all flesh, the sole happiness of all intelligent beings”.

¹⁸ RUETHER, Rosemary Radford. **Sexism and God-Talk**: towards a feminist theology. Boston, NJ: Beacon Hill, 1983. p. 69.

¹⁹ BARRY, William. **A Friendship like no other**: Experiencing God’s amazing embrace. Chicago: Loyola, 2008. p. 98-99.

(19.12-14²⁰) ou as apresenta para os adultos como exemplo de humildade (assim Mt 18.4, relendo Mc 10.15, preservado em Lc 18.17).

Essa valorização da primeira fase do desenvolvimento humano jamais impede a construção de analogias entre outras fases da vida e da vida cristã. Pelo contrário, uma mera permanência num estado infantil é considerada contraprodutiva: “Irmãos, **não sejais meninos no entendimento**, mas sede meninos na malícia, e **adultos no entendimento**” (1Co 14.20) (grifos do autor). Todos os conceitos do colaborador ou da colaboradora de Deus (1Co 3.9; Fp 2.25; Fm 1.24; Rm 16.9), do evangelho (1Ts 3.2) ou do reino (Cl 4.11) baseiam-se numa compreensão adulta da relação humano-divina e num comportamento adulto em relação a Deus.²¹ Não parece ser sempre perceptível o fato de que a metáfora do retorno ao primeiro amor também tenha seu contexto no mundo adulto, não apenas no mundo infantil. O retorno ao primeiro amor não é o retorno ao ventre de Deus²², mas refortalecimento e reconsideração do compromisso da *imatio Christi*. Sendo assim, propomos que se deve permanentemente adequar o imaginário bíblico à respectiva idade de uma pessoa, para motivá-la a assumir de forma crescente e, cada vez mais abrangente, seu espaço na comunidade cristã e na divulgação e sinalização do reino de Deus.

O alvo de todas as idades é, entretanto, o crescimento na direção da maturidade cristã, e isso requer entendimento, liberdade, responsabilidade e compromisso conscientes. O conceito de maturidade cristã comunica-se bem com Lc 15 e, por sua vez, com Oseias 11. Quando o filho pede a sua herança, ele começa a sua emancipação. A experiência não é bem-sucedida, mas rende o que, muitas vezes, as experiências difíceis da vida acabam fornecendo: o amadurecimento. Assim, ele retorna como adulto, que se mostra, em primeiro lugar, na sua capacidade de assumir positivamente o seu fracasso e a sua responsabilidade. Ele não culpa terceiros, seja pelo maltrato recebido, seja pelo abandono sofrido, seja na intenção de responsabilizar o pai por meio de uma projeção infantil. É justamente nessa condição que ele não somente será acolhido, mas recebe agora os signos da vida adulta: o anel e as sandálias. O pai perdeu um filho que atuava como uma criança e ganhou um filho adulto. O filho-criança da casa, de fato mais velho do que aquele que saiu, não consegue entender isso por não ter completado a sua iniciação pessoal na idade e no mundo adultos, apesar de tudo estar ao seu alcance.

O Deus *parent* não impede uma projeção do filho adulto, ou da filha adulta, de uma relação participativa, que leva, de fato, à colaboração na *Missio Dei*, da

²⁰ Mt 19 refere-se a “meninos”, mas *paidia* abrange toda a infância. Confere, entretanto, na ciência do teatro a distinção entre *paidia* (jogo livre, espontâneo, anárquico) e *ludus* (jogo com regras e convenções).

²¹ Rara é a finalização do Evangelho de Marcos: “E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, **cooperando com eles o Senhor**, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém” (Mc 16.10). Grifo do autor.

²² Parece-nos que, hoje, algumas formas extáticas, relendo a união mística, seja de forma coletiva ou individual, propõem algo parecido.

colaboração responsável no cuidado para com a casa de Deus. O Deus *parent* combina com um modelo de relacionamento divino-humano, que leva, pela liberdade, pela acolhida, pelo empoderamento, à colaboração na *Missio Dei*.

O Deus “*parent*” e o ministério pastoral feminino e masculino: em busca da superação de clichês

Partimos para um grupo importante nessa relacionalidade entre Deus e o ser humano e falamos da tarefa dos/as embaixadores/as dessa realidade, dos/as agentes do ministério pastoral. Perguntamos: Como o imaginário do Deus *parent* pode nos iluminar quanto, e para, à nossa tarefa pastoral? Faremos três observações.

a) Primeiro, o aspecto abrangente e inclusivo da metáfora Deus *parent* desfavorece, se não desautoriza, um discurso exclusivamente androcêntrico (e, claro, também não ginocêntrico).

b) Segundo, essa abrangência traz consigo uma indeterminação que pode ajudar na superação de clichês de feminino e masculino quanto ao ministério pastoral.

c) Em conjunto, abrangência e indeterminação abrem-se para o respeito à outricidade, outricidade pessoal e cultural.

Segundo a nossa impressão, a discussão sobre os ministérios pastorais masculino e feminino, na sua primeira fase, estava ainda muito presa na visão androcêntrica de Deus e das coisas de Deus. Mesmo aceitando o ministério feminino, não se sabia desconstruir o imaginário masculino que “autorizava” a nossa ideia do ministério pastoral. Em consequência, não se sabia imaginar o ministério pastoral feminino de forma, no mínimo, igualitária. Pelo contrário, esse ministério parecia desqualificado eternamente num nível, digamos, ontológico. Foi a luta das mulheres por uma participação maior na sociedade e o interesse da sociedade na sua força de trabalho, especialmente em tempos de guerra, que mudaram lentamente essa percepção.

Mas essa mudança ainda não superou os modelos clássicos da distribuição dos papéis familiares, e isso levou a uma prática de aceitar a mulher no pastorado, entretanto, somente se ela aceitasse uma jornada dupla, procurando conciliar o seu novo direito com o papel clássico de mãe da família. Mantiveram-se os clichês do feminino e do masculino, especialmente no ambiente das igrejas do Ocidente.²³

Não éramos capazes de repensar a dupla jornada de trabalho da mulher pastora porque ainda estávamos presos a um imaginário do Deus *Pai* que, até agora, tolerava a mulher sacerdote, mas jamais deu base para que os pastores maridos, as igrejas como comunidades de fé e as hierarquias dessas igrejas relessem a sua

²³ Não conhecemos pesquisas em relação à configuração do ministério pastoral feminino em culturas matriarcais ou culturas onde se reserva o poder “extraordinário” para certos papéis da mulher (por exemplo, em Gana, o papel da sogra do rei).

compreensão do ministério pastoral de tal modo que isso ajudasse na redistribuição de tarefas familiares. Ainda não era a época da parentalidade, mas continuavam os pensamentos em termos da paternalidade e da maternalidade. Não por acaso, temos hoje um número considerável de pastoras evangélicas solteiras: essa primeira geração, que viveu a sua vocação à custa da privação da constituição de uma família, supondo que esses casos não sejam todos resultados de uma opção proposital a favor do celibato.

Além disso, o aspecto da relativa indeterminação da metáfora do Deus *parent* leva-nos a uma segunda reflexão do ministério pastoral como feminino e masculino. Pensamos muito o formato do ministério pastoral feminino a partir dos clichês de feminino e masculino. Quando uma mulher agia com liderança e força – supostamente atributos masculinos –, ela era chamada mulher-homem e reclamava-se a falta de feminilidade. Quando a mulher pastora se apresentava como “*mater ecclesiasticae*”, ela foi até mesmo amada pela sua força de acolher e cuidar – especialmente em comunidades onde predomina uma visão infantil da relação Deus-crente –, mas ela ainda não foi respeitada como líder da igreja local. O ministério pastoral feminino sofreu, e sofre ainda, fortemente sob os nossos clichês do masculino e do feminino.

O Deus *parent* e a universalidade do sacerdócio

Só muito lentamente aprendemos que a nossa construção do masculino e do feminino dialoga com uma época pré-moderna e pré-industrial, e jamais dá conta da condição pós-moderna. Consequentemente, ainda não começamos a desfrutar, em nossas igrejas, da riqueza do ministério pastoral feminino e masculino, em vez disso, torturamos a nós mesmos como pastoras e pastores e somos pressionados/as pelas nossas comunidades a repetir modelos por falta de imaginários que deem conta do novo momento e do seu potencial.

Essa é a tarefa de um ministério pastoral feminino e masculino em conjunto e mútuo. Digamos, entretanto, primeiro, o que isso não pode significar mais no século 21. Para isso, emprestamos um aspecto da atual discussão sobre a parentalidade humana. Não propomos construir o ministério pastoral feminino e masculino a partir de um imaginário relativamente fixo em relação a dons e papéis supostamente mais femininos ou masculinos. Pelo contrário, o ministério pastoral precisa aprender com o Deus *parent* que algumas fixações de feminino e masculino não representam mais a realidade do nosso cotidiano, da mesma forma que ainda estamos aprendendo que um olhar parecido não descreve de forma mais adequada o próprio Deus. Não falta nada à pastora por não ser homem. Não há uma definição fechada daquilo que nós poderíamos descrever como os dons específicos de uma pastora ou os dons específicos de um pastor. Isso pode variar, e variará, dependendo da pessoa, não do seu sexo. Da mesma forma que antropomorfismos femininos e masculinos são usados para descrever, articular e testemunhar Deus, o ministério pastoral mascu-

lino pode ter traços considerados, antigamente, mais femininos, e vice-versa. Os nossos papéis são socialmente construídos e precisam ser sempre adaptados. Em consequência disso, nenhum ministério pastoral, feminino ou masculino, deve ser preso ao modelo do outro, e isso nem nos sentidos negativo ou positivo: não se copia por ser masculino ou feminino, não se rejeita por ser feminino e masculino. Mas, em conjunto com as suas comunidades, novamente compostas por homens e mulheres, crianças, adolescentes, pessoas adultas e idosas, eles e elas constroem o seu ministério como parte do ministério de todos.

O Deus *parent*, inclusão e outricidade

Isso é algo que podemos ver claramente quando falamos uma segunda vez do Deus amigo. O Deus amigo não chega a ser o Deus deísta que criou o mundo para depois colocá-lo em nossas mãos. Mas certamente descreve um relacionamento caracterizado por liberdade e responsabilidade, no mínimo, como ideal. A descrição do ministério pastoral como facilitador, motivador e capacitador mostra relacionamentos amigáveis e respira as intuições da escolha da metáfora do Deus amigo do ser humano e seu correspondente, o ser humano amigo de Deus.²⁴

A partir da percepção do Deus pai, constrói-se, às vezes, a justificativa de relações unilaterais e autoritárias, em muito certamente mais próximas ao modelo do exercício do poder absoluto, característico de um *pater familiaris* ou de um *despotós*, do que do modelo do próprio Jesus. Confunde-se a obediência cega e absoluta com o respeito crítico e responsável.²⁵ O Deus *parent*, então, inspira um modelo de uma pastoral não autoritária, mas cuja tarefa é criar, dar vida, cuidar, consolar, construir caminhos para dentro e para fora, em superação de clichês do ministério pastoral feminino e masculino, numa visão da colaboração em diferença.

²⁴ A metáfora da relação amigável entre Deus e a humanidade, ou o ser humano e Deus, está fortemente enraizada no grupo de palavras traduzidas para o português como reconciliar ou reconciliação. Reconciliação é a superação de um estado de inimizade pela amizade. Segundo Paulo, Deus é amigo da humanidade, porém a humanidade precisa superar a sua inimizade para com Deus e seu projeto do Reino.

²⁵ Abrimos um pequeno parêntese eclesialístico: Para o nível institucional, a Igreja Metodista destacou a interdependência mútua pelo seu sistema conexional, e, quando ela se reúne, ela “está em conferência”, seja no nível local, distrital, regional ou nacional. RENDERS, 2010, p. 187-191.

O Deus *parent* e a família: parentalidade, gênero e ampliação dos papéis sociais

O homem de Deus, a quem Deus se deleita para aprovar
em seus trabalhos segundo seu grande amor parental,
amor para com os/as pequenos/as /
para com aqueles/as com os/as quais Ele se importa,
os cordeiros, os órfãos, que ele guarda no seu seio.
Charles Wesley, 1771²⁶

O amor de Deus para com todos e todas, sem distinção de gênero, grupo social, idade etc., é um tema transversal nas obras de John Wesley. Com frequência, Wesley enfatiza esse amor divino como amor parental. Citamos ao lado do texto de 1771 ainda do *Aviso para as pessoas chamadas metodistas* de 1745: “[...] Deus, não somente considerado seu Pai, mas como ‘Pai de todos espíritos e toda carne’, e, ainda mais, como **parent geral e amigo de todas as famílias**, tanto nos céus como na terra”²⁷. Por último, gostaríamos de seguir o exemplo desse texto e relacionar o Deus *parent* com a totalidade das famílias contemporâneas com foco especial na sua diversidade enquanto modelos.

Estado, gênero e ampliação dos direitos

Quando se pensa em família contemporânea, o conceito da parentalidade substitui, hoje, os conceitos da maternidade e da paternidade.²⁸ Isso já refletiu no âmbito do direito civil. Não se fala mais da licença da maternidade, ou maternidade e paternidade, mas da licença da parentalidade. O conceito, de fato, é do século 18, e seu uso, por exemplo, por Jeremy Bentham (1748-1832), é inclusivo: “[...] Quanto à parentalidade, deve haver duas pessoas em causa, o pai e a mãe [...] da parentalidade, a saber, de paternidade ou de maternidade, ou de ambos”²⁹.

²⁶ WESLEY, Charles. *Elegy on Whitefield*, 1771, p. 13: “The man of God, whom God delights t’ approve / In his great labours of parental love, / Love of the little ones—for these he cares, / The lambs, the orphans, in his bosom bears”.

²⁷ WESLEY, John. *Advice for the people called Methodist*. 1745. [2º parágrafo]: “God, considered not only as his Father, but as “the Father of the spirits of all flesh;” yea, as the general Parent and Friend of all the families both of heaven and earth.” Encontramos a indicação em RUNYON, 1998, p. 256. Grifo do autor.

²⁸ MORO, Marie Rose. “Os ingredientes da parentalidade”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 8, n. 2, p. 258-273, 2005; PERUCCHI, Juliana; BEIRAO, Aline Maiochi. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, v. 19, n. 2, p. 57-69, 2007. [on-line].

²⁹ BENTHAM, Jeremy. *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. Oxford: Clarendon, 1907, reprint of 1823 edition. (First printed 1780). parágrafo XVI.77: “[...] In parentality

Essas mudanças na legislação atendem à realidade de uma maior variedade na distribuição dos papéis sociais nas famílias brasileiras do século 21, seja por razões de trabalho, por interesse, por situações passageiras, como, por exemplo, o tempo de estudo, ou por recomposições familiares depois de um divórcio – pais e mães solteiras, famílias *patchwork* – etc. Nessas famílias, as pessoas assumem novos papéis, classicamente atribuídos somente a um dos sexos.³⁰

A insegurança da igreja

Partindo da ausência de documentos a respeito, concluímos que, em geral, as igrejas ainda não sabem, ou não querem, declarar-se a respeito. Permanece, por enquanto, a reafirmação de modelos mais tradicionais de feminino e masculino e da família, gerados no mundo pré-industrial ou industrial. Mas, se a nossa intuição não nos engana, a inflacionária criação de encontros de casais, grupos familiares etc., sinaliza que este mundo sente-se ameaçado.

Da época pós-industrial, com a sua alta demanda de flexibilidade e com a sua oferta de espaços alternativos, a igreja somente está começando a tomar conhecimento, e, em geral, consideram-se os novos modelos pós-modernos de famílias como exceção, se não acidente, enfim, algo deficitário. Celebram-se ainda o Dia das Mães e o Dia dos Pais, apesar de que, especialmente o último, crianças de famílias de mães solteiras ou divorciadas são colocadas em séria crise. Celebramos o culto da família como se somente um tipo de família fosse “padrão” e, quando chamamos os pais com as suas crianças para tomar juntos a Santa Ceia, jamais aparecem os filhos com seus pais idosos, enfim, a igreja ainda não lida com o novo mundo da parentalidade e com uma ideia madura da filiação divina.

Do Deus *parent* a uma parentalidade em liberdade e responsabilidade

Acreditamos que o imaginário de um Deus *parent* possa nos ajudar a ampliar o nosso olhar e integrar experiências e formas de convivência diferenciadas.

Primeiro, o Deus *parent* opõe-se à padronização ou uniformização da vida e dos papéis sociais. Deus *parent* é mais variado e flexível do que o nosso uso, às vezes unilateral, de antropomorfismos pode expressar. É justamente na unidade em diferença, ou na diferença unida, que a Trindade transborda para a criação e a salvação, para justificação e santificação, na base da graça universal e incondicional.

there must be two persons concerned, the father and the mother [...] parentality; to wit, of paternity, or of maternity, or of both”.

³⁰ PERUCCHI; BEIRAO, 2007, p. 57-69.

O Deus *parent* é o Deus que cria, que cuida, que acolhe e acompanha de forma incondicional. Parece que esse ingrediente é o fundamento das famílias, e isso totalmente independente do formato das mesmas. Entretanto, é importante que a igreja que, como comunidade, dá espaço à outricidade ou reúne diferenças faça isso com uma compreensão adequada dos desafios que todas as famílias enfrentam.³¹

A comunidade poderia ser um lugar onde as famílias novas se conectam e ajudam no desenvolvimento da sua parentalidade diferenciada. Para isso seria importante que o ministério pastoral feminino e masculino se comportasse de uma forma correspondente a essa tarefa: não marcada pela definição de papéis que seguem modelos pré-modernos de masculinidade e feminilidade, nem de paternalidade ou maternalidade. E, ainda, que ofereça uma educação cristã que contribua para o amadurecimento de todos os relacionamentos nos quais seus membros estejam envolvidos. A percepção de um Deus *parent*, assim acreditamos, pode contribuir para liberar esses processos.

Considerações intermediárias

Uma discussão no âmbito civil sobre a parentalidade fez-nos lembrar de uma antiga metáfora usada para descrever a riqueza do Deus criador: Deus *parent*. Isso nos fez integrar outros temas relevantes para o ministério pastoral atualmente: a necessidade de uma autopercepção adulta do ser humano diante do Deus *parent*; um questionamento dos clichês do ministério pastoral feminino e masculino, capaz de proclamar e representar esse Deus *parent*; e, não por último, a integração da diversidade familiar contemporânea na comunidade do Deus *parent*. Talvez a lembrança da existência dessa forma de falar e de imaginar Deus abra espaços acolhedores e terapêuticos em nossas igrejas, nos quais o ser humano sinta-se e entenda-se como sujeito diante de seu Deus, irmão e irmã diante da comunidade e da vida secular.

Lembramos também que essa metáfora do Deus *parent* não somente circulava nas academias teológicas dos séculos 16 a 18, mas foi cantada na base da poesia, entre outras, miltoniana.

O que nós ainda procuramos, porém, é um termo português equivalente ao termo inglês ou outras metáforas capazes de articular a fé, o amor e a esperança no século 21 de forma madura, respeitosa e criativa. As novidades ao nosso redor, quem sabe, ajudem também a descobrir novos lados de Deus prontos a serem explorados para comunicar o Evangelho.

³¹ AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; BRAGA, Maria da Graça Reis. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 2, p. 177-191, 2006.

Referências bibliográficas

- AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; BRAGA, Maria da Graça Reis. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Revista Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 177-191, 2006. [on-line].
- BARRY, William. **A Friendship like no other**: Experiencing God's amazing embrace. Chicago: Loyola, 2008.
- BENTHAM, Jeremy. **An Introduction to the Principles of Morals and Legislation**. Oxford: Clarendon, 1907 reprint of 1823 edition. (First printed 1780). Disponível em: <<http://www.econlib.org/library/Enc/bios/Bentham.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- CARR, Anne E.; LEEWEN, Mary Stewart van. **Religion, feminism, and the family**: studies in Family Religion and Culture. Westminster John Knox, 1996.
- LIMBURG, James. **Hosea-Micah**. Westminster John Knox, 1988. 201 p. (Serie Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching).
- MADDOX, Randy. **Responsible grace**. Nashville, TN: Abingdon, 1994. 446 p.
- MORO, Marie Rose. Os ingredientes da parentalidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 2, p. 258-273, 2005.
- PERUCCHI, Juliana; BEIRAO, Aline Maiochi. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 2, p. 57-69, 2007.
- RUETHER, Rosemary Radford. **Sexism and God-Talk**: towards a feminist theology. Boston, NJ: Beacon Hill, 1983.
- RUNYON, Theodore. **New Creation**. John Wesley's theology today. Nashville, TN: Abingdon, 1998. 272 p.
- WESLEY, John. **A Collection of moral and sacred poems from the most celebrated English authors**. Bristol: printed and sold by Felix Farley, 1744. 3 v.
- WESLEY, John. **Explanatory Notes upon the New Testament**. London: The Epworth, 1952 [1. ed. 1754].
- WESLEY, John. **Explanatory notes upon the Old Testament**. Salem: Schmul Publishers, 1975.
- WESLEY, Charles; WESLEY, John. **Hymns and Sacred Poems**. London: Strahan, 1739. v. 1. Disponível em: <http://www.divinity.duke.edu/sites/default/files/documents/cswt/01_Hymns_and_Sacred_Poems_%281739%29_CW_Verse.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2010.
- WESLEY, Charles; WESLEY, John. **Hymns and Sacred Poems**, 1742. Disponível em: <http://www.divinity.duke.edu/sites/default/files/documents/cswt/10_Hymns_and_Sacred_Poems_%281742%29.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2010.
- WESLEY, Charles. **Elegy on Robert Jones**. 1742. Disponível em: <http://divinity.duke.edu/sites/default/files/documents/cswt/13_Elegy_on_Robert_Jones_%281742%29.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2010.
- WESLEY, Charles. **Elegy on Whitefield**. Bristol: Pine, 1771. Disponível em: <http://divinity.duke.edu/sites/default/files/documents/cswt/70_Elegy_on_Whitefield_%281771%29.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2011.
- WESLEY, John. **A plain account of genuine Christianity**. Bristol, 1755. Eighteenth Century Collections Online. Gale. CAPES. Disponível em: <<http://find.galegroup.com.ez99.periodicos.capes.gov.br/ecco/infomark.do?&contentSet=ECCOArticles&type=multipage>>.

&tabID=T001&prodId=ECCO&docId=CW3322016931&source=gale&userGroupName=capes&version=1.0&docLevel=FASCIMILE>. Acesso em: 3 mar. 2011.

WESLEY, John. **Advice for the people called Methodist**. 1745: Disponível em: <<http://new.gbgm-umc.org/umhistory/wesley/advice/>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

WESLEY, Charles. **Short Hymns on Select Passages of the Holy Scriptures**. Bristol: Farley, 1762. v. 1. Disponível em: <http://divinity.duke.edu/sites/default/files/documents/cswt/63_Scripture_Hymns_%281762%29_Vol_1.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2010.

WESLEY, John. **The doctrine of original sin**: according to scripture, reason, and experience. Bristol, 1757. Eighteenth Century Collections Online. Gale. CAPES. Disponível em: <<http://find.galegroup.com.ez99.periodicos.capes.gov.br/ecco/infomark.do?&contentSet=ECCOArticles&type=multipage&tabID=T001&prodId=ECCO&docId=CW3318879793&source=gale&userGroupName=capes&version=1.0&docLevel=FASCIMILE>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

WESLEY, John. **The works of John Wesley**: sermons I - 1-33. Edição de Albert C. Outler. Nashville, TN: Abingdon, 1984. v. 1, 722 p.

WESLEY, John. **The works of John Wesley**: sermons III: 71-114. Edição de Albert C. Outler. Nashville, TN: Abingdon, 1986. v. 3, 654 p.